



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

PROJETO DE LEI Nº. _____/2010

“Denomina Largo Democrático Governador Leonel de Moura Brizola, a esquina da Rua do Acampamento com a Praça Saldanha Marinho”.

LEI:

Art. 1º. Fica denominado de Largo Democrático Governador Leonel de Moura Brizola, a esquina da Rua do Acampamento com a Praça Saldanha Marinho, em nosso município.

Art. 2º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação oficial.

Vereador Paulo Denardin
Bancada do PP



PROJETO DE LEI COMPLEMENTAR Nº. _____/2010

“Denomina de Largo Democrático Governador Leonel de Moura Brizola, a esquina da Rua do Acampamento com a Praça Saldanha Marinho”.

JUSTIFICATIVA

Leonel de Moura Brizola nasceu em 22 de janeiro de 1922 no povoado de Cruzinha, que pertenceu a Passo Fundo (RS) até 1931, quando passou à jurisdição de Carazinho (RS). Oriundo de família de lavradores era filho de José de Oliveira Brizola e Onívia de Moura Brizola. Seu pai morreu na Revolução Federalista de 1923, lutando ao lado das forças federalistas, chefiadas por Joaquim Francisco de Assis Brasil, que combatiam os republicanos liderados por Antônio Augusto Borges de Medeiros. O episódio da morte de seu pai será resgatado em diversos momentos de sua trajetória política, um exemplo disto é o uso do lenço vermelho, numa referência direta aos federalistas gaúchos, a opção pelo uso do lenço resgata a memória de seu pai, e confere a Brizola um legado a ser cumprido, pois assim como o pai que morreu lutando, Brizola se apresenta como o continuador de seu legado.

Iniciou seus estudos primários numa escola do município vizinho de São Bento, em 1945 ingressou na Escola de Engenharia da Universidade do Rio Grande do Sul, cujo curso completaria em 1949. Simpatizante de Getúlio Vargas, Brizola ingressou no PTB em agosto de 1945, integrando, ao lado de um grupo de sindicalistas de Porto Alegre, o primeiro núcleo gaúcho do partido. Sua trajetória política teve início de forma surpreendente, já em 1947 foi eleito pelo Rio Grande do Sul Deputado Estadual pela a legenda do PTB.

Em 1950 casou-se com Neusa Goulart, irmã de João Goulart. Esse acontecimento de sua vida privada irá ser decisivo em sua vida política, pois fora através do casamento que Brizola passou a ter mais contato com Getúlio Vargas, sendo o mesmo padrinho do casamento.



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Após seu primeiro mandato no legislativo estadual, Brizola foi reeleito em 1950, sendo em 1954, eleito deputado federal. Nas eleições de 1958, Brizola foi eleito Governador do Estado do Rio Grande do Sul com extrema maioria dos votos. Foi o chamado “fenômeno Brizola”.

Brizola tomou posse em 1959 e, já nos primeiros meses de seu mandato, consolidou sua posição entre os “nacionalistas radicais”, desapropriando uma subsidiária da *American and Foreign Power* no Rio Grande do Sul, encampando a empresa pelo preço simbólico de um cruzeiro. Essa medida gerou uma crise nas relações entre o Brasil e os Estados Unidos.

Em 1962 foi encampada a Companhia Telefônica Riograndense, subsidiária da *International Telephone and Telegraph* (ITT). Esses episódios tiveram ampla repercussão na imprensa, tanto no âmbito nacional quanto internacional. Conferindo a Brizola um perfil nacionalista e anti-imperialista, transformando-o no grande opositor ao americanismo e às multinacionais.

Aprofundando o compromisso com suas bases eleitorais populares, Brizola tomou uma série de medidas que visavam atendimento de seus interesses. No campo da educação, projetou em escala estadual o que fizera em Porto Alegre, dotando o Rio Grande do Sul de uma rede de ensino primário e médio que atingiu os mais longínquos e desassistidos municípios.

Brizola teve projeção nacional em 1961, pois com a renúncia do Presidente Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961 e a ausência do vice-presidente João Goulart, que estava em missão oficial na República Popular da China, foi empossado interinamente o Presidente da Câmara, Ranieri Mazzilli. Após este episódio, foi iniciada uma crise política devido à tentativa de veto dos ministros militares à posse de Goulart. A recusa a um governo chefiado por Goulart representava, segundo seus opositores, a recusa ao populismo e ao varguismo. Em várias regiões foi iniciado um movimento de resistência aos planos dos ministros militares, chamado de legalismo.

O ponto mais alto da resistência foi no Rio Grande do Sul, e teve em Brizola seu líder, que ocupou militarmente duas rádios gaúchas e formou a “cadeia da legalidade”, comandando 104 emissoras na região sul, mobilizando a população em defesa da posse de João Goulart. Odílio Denis, Ministro da Guerra, ordenou ao comandante do III Exército, Machado Lopes ações que eliminasse o foco do movimento, agindo com toda a energia e, se preciso, deslocando tropas do interior em direção a Porto Alegre para tomar de assalto o Palácio Piratini, caso fosse necessário poderia ser empregado até mesmo aviões para o bombardeio do Palácio. Moniz Bandeira relata o desfecho deste episódio da seguinte forma:



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Assim, enquanto a população se armava, Brizola começou a falar pelos microfones da Rádio Guaíba, nos porões do Palácio, onde se concentravam os correspondentes estrangeiros, que chegaram a Porto Alegre, via Montevidéu. O Rio Grande do Sul estava inteiramente isolado do resto do País e do mundo. Os militares golpistas haviam cortado todos os canais telefônicos do Estado, só restando uma linha de ligação com Montevidéu, inaugurada pelo próprio Brizola quando Secretário de Obras Públicas. Mas a Rádio Guaíba furou o bloqueio. Entrou em cadeia com outras emissoras e o povo brasileiro pode escutar as palavras de Brizola. O governador fez um rápido relato à população sobre os últimos acontecimentos. Depois de revelar a ordem expedida pelo Ministério da Guerra para atacar o Palácio do Governo, inclusive bombardeá-lo, Brizola solicitou que as famílias, especialmente as crianças, se afastassem do centro da cidade. Apelou para que viessem até o Palácio os que estavam dispostos a lutar. Exortou o povo para que se mobilizasse nos municípios do interior em defesa da legalidade democrática. Ao final, emocionado, Brizola enfatizou que, se os golpistas viessem, encontrariam escombros naquele Palácio, como símbolo da resistência. (...)

A resolução deste conflito foi à adoção do Parlamentarismo como sistema de governo, objetivando assim descentralizar o poder das mãos de Jango. Foi então negociado que Jango assumiria a Presidência e, mais tarde, um plebiscito iria decidir o sistema de governo entre o Presidencialismo ou Parlamentarismo.

Com a proximidade do fim do mandato de Governador do Rio Grande do Sul, Brizola passa a articular com lideranças do PTB carioca sua candidatura ao legislativo federal pelo Estado da Guanabara. O maior articulador da campanha foi José Talarico. Em 1962, Brizola é eleito com 269 mil votos, um verdadeiro recorde de votos, sendo durante anos o maior número de votos obtidos por um candidato.

Numa pesquisa sobre as preferências do eleitorado para uma eventual eleição para a Presidência da República Brizola lidera a pesquisa com um total de 27% das intenções de voto, sendo seguido por Juscelino e Lacerda com 22% e 20% respectivamente¹. Este dado aponta a grande popularidade que Brizola vinha adquirindo no Estado da Guanabara, tido como o líder mais preeminente da esquerda. Vale ressaltar que a esquerda apresentava uma divisão interna, não sendo homogênea. Thomas Skidmore fez as seguintes observações sobre esta situação da esquerda:



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

A pressão da esquerda radical, no entanto, estava longe de ser homogênea. Por um lado, existiam os esquerdistas sinceros, mas amadores, algumas vezes chamados de ‘jacobinos’, que desprezavam a disciplina do PCB e se impacientavam com a política de cooperação com a ‘burguesia nacional’. Brizola encontrava-se, por certo, nesta categoria, assim como muitos líderes estudantis nacionalistas radicais, pertencente a grupos como a Ação Popular (...) e alguns líderes operários cuja lealdade com a liderança da CGT – dominada pelo PCB – ou para com o Ministério do Trabalho – manipulado pelo Governo – não tinha muita consistência. Intelectuais e escritores tais como Franklin de Oliveira, consultor de Brizola em seu governo no Rio Grande do Sul, desenvolviam muita atividade entre os ‘jacobinos’. Por outro lado, o Partido Comunista Brasileiro, dirigido por Prestes, aconselha cautela. Advertindo contra qualquer estratégia que superestimasse o verdadeiro poder das ‘forças populares’.

Mesmo ideologicamente se enquadrando dentro da esquerda radical, Brizola possuía dentro da mesma uma posição especial:

Brizola possuía o que só um outro político de âmbito nacional, Jânio Quadros, podia proclamar: uma presença eletrizante em campanha política. Traduzia a retórica do nacionalismo radical para a linguagem das ruas. Arrogante e grosseiro era dado a lutas corporais com seus inimigos políticos no recinto do Congresso ou em salas de espera de aeroporto, tendo a coragem estimulada pela presença de vários guarda-costas armados. Este lado rudemente viril de Brizola aumentou as simpatias das classes mais baixas por ele e ao mesmo tempo afastou a classe média e a ‘respeitável’ elite política. Em suma, Brizola era o mais dinâmico populista da ala esquerda. Era também uma figura isolada na esquerda. Rixento e autoritário, Brizola não tinha condições de aspirar à liderança da esquerda; podia, no máximo, aspirar a tomá-la. Esquerdistas radicais, como os congressistas Sérgio Magalhães e Antônio Marcos, que pensavam em termos de cuidadosos esforços de organização em longo prazo, temiam que a ambição desmedida de Brizola pusesse em risco o futuro de toda a esquerda. individualista que o mesmo possuía neste momento, uma vez que muitas acusações e ações de Brizola culminavam em graves crises políticas.

A exemplo disto posso citar o episódio ocorrido em 5 de maio de 1963, quando a convite da Frente Nacionalista do Rio Grande do Norte, Brizola acusou, durante um discurso o General Antônio Carlos Murici de “Gorila” e golpista. Em resposta a tal acusação Murici entrou em contato com o então Comandante do IV exército, o General Castelo Branco, colocando-o a par dos acontecimentos.



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Castelo enviou um relatório ao Ministro da Guerra, que reclamou a Goulart providências a fim de que Brizola não repetisse ataques a Comandantes de tropas.

Os ataques por parte de Brizola aos “entreguistas” eram uma constatação, mas como toda ação tem a sua reação, vários políticos, militares e pessoas públicas fizeram publicamente oposição a Brizola, a exemplo: Santiago Dantas qualificou Brizola como membro da esquerda negativa, Chateaubrind através de sua rede de jornais e emissoras de TV, acusou-o de protetor da subversão e deputados exigiram que o Presidente repudiasse os ataques de seu cunhado.

A posição de Brizola foi se tornando cada vez mais radical. Em outubro de 1963 foi criado por Brizola o movimento denominado “Grupo dos Onze”, grupo este que tinha como objetivo lutar pela implantação das reformas e a libertação do Brasil da espoliação internacional. O movimento previa o lançamento de um periódico denominado “Panfleto”, que só teve o seu primeiro número impresso.

Brizola continuava sua caminhada pela esquerda radical, despontando como o principal líder rebelde no Brasil. Em comício realizado em 13 de março de 1964, a força de seu discurso foi testada, esse comício que entrou para a história política nacional como um dos principais motivos do Golpe Militar que seria dado dias após, reuniu no palanque o Presidente João Goulart, Brizola, Darci Ribeiro e os militares Assis Brasil, General Jair Dantas Ribeiro, Almirante Silvio Mota e o Brigadeiro Anísio Botelho. Não é exagero dizer que Brizola “roubou a cena”, pois “pedindo a todos aqueles que desejassem se livrar da ‘política de conciliação’ em favor de um Governo ‘nacionalista e popular’ que levantassem a mão. A Praça da República transformou-se em uma ‘floresta de braços’.”² Com o Golpe Militar realizado dias depois deste comício, o sonhado Governo Nacionalista não foi realizado por Brizola.

Brizola tentou ainda convencer Jango a reagir e não aceitar passivamente o Golpe, apresentando argumentos para a reação aos militares. Junto com o Comandante do III Exército, Ládio Teles, Brizola procurou articular uma resistência, tendo inclusive conclamado a população gaúcha a pegar em armas e lutar. Mas com a crescente adesão dos militares ao Golpe e devido à proporção que o movimento golpista ganhou, Brizola procurou exílio no Uruguai dois dias depois do Golpe. Em 03 de abril de 1964, Leonel Brizola teve que fugir do País.



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Durante os primeiros anos de exílio Brizola decidiu-se a organizar junto com Jango um movimento contra o regime militar. Índio Vargas, um dos participantes deste movimento, atribui às divergências entre Jango e Brizola o fracasso do movimento. Brizola ficou exilado no Uruguai até o ano de 1977, quando o governo uruguaio decretou sua expulsão. Deixando o Uruguai, Brizola passa a residir nos EUA. João Trajano Sento-Sé analisa a escolha dos EUA como local de residência como a articulação política de Brizola:

Sua opção por migrar para os EUA quando extraditado pelo governo uruguaio, em 1977, aproveitando-se da política de direitos humanos de Carter, dava-lhe uma coloração mais civilizada para aqueles que consideravam excessiva sua pregação pré-golpe. A isso, unia-se seu trânsito bastante estreito com a então alta social-democracia européia, de cujos líderes tornara-se bastante próximo nos últimos tempos de exílio. Por último, o fato de ser o principal líder nacional do PTB ainda vivo dava-lhe as prerrogativas de representante máximo do ideário nacionalista que predominava no campo da esquerda, no início dos anos 60.³

Foi a partir deste momento que Brizola intensifica suas ações na composição de um grupo capaz de formar um novo partido trabalhista. Não era explícita a opção pela antiga sigla do PTB ou a fundação de um novo partido. E foi com esse sentimento de incerteza que Brizola reuniu políticos trabalhistas em Lisboa no ano de 1979, durante o encontro foi discutido o ideário trabalhista e a incorporação das propostas da social-democracia européia. Não podemos traçar um ideário trabalhista, na ciência política não existe uma definição do trabalhismo quanto ao seu teor político-teórico, um senso comum se estabeleceu na política brasileira, sobretudo gaúcha, que a adesão a Vargas significa a adesão ao trabalhismo, quando a esta máxima considero correta, mas ainda não foi definido por seus ideólogos qual o suporte político desta adesão, e nem tampouco o perfil a ser seguido.



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Encontramos em Brizola algumas das possíveis definições do trabalhismo, sobretudo na década de 70 e início de 80 do século XX, podemos identificar uma busca pela interpretação e formulação do perfil trabalhista, mesmo que seja um trabalhismo brizolista. Uma vez que a mobilização pela retomada do PTB, que tem como ponto de partida o Encontro dos Trabalhistas do Brasil e dos Trabalhistas no Exílio e seu documento elaborado no final do encontro: A Carta de Lisboa.

Com a decretação da anistia política em 1979, Brizola retornou ao Brasil, o seu retorno ao Brasil foi o início de uma série de iniciativas para a criação de uma nova forma política para o seu perfil. O primeiro discurso em território nacional ocorreu na cidade de São Borja ao pé do túmulo de Getúlio Vargas. Com esta iniciativa Brizola desejava apresentar à nação seu passado e um proeminente futuro político. Discursando ao lado do túmulo de Vargas e de João Goulart, Brizola buscava a transmissão de carisma das figuras de seus antecessores no trabalhismo.

A retomada do antigo PTB fora inviabilizada pela Justiça Eleitoral, uma vez que foi concedida ao grupo de Ivete Vargas, oposição do grupo liderado por Brizola, o controle da legenda. Com este impasse Brizola e seus correligionários passam a discutir e trabalhar na construção de um novo partido trabalhista, sendo criado assim o PDT.

Vale ressaltar que a adesão a Brizola não significa a adesão ao PDT, e o seu reverso não apresenta possibilidades de adesão. Mesmo que seja apresentada de forma particularmente atrelada, não podemos igualar a opção por Brizola, como a opção pelo PDT. 4 Mesmo assim narrar à história do PDT é narrar à história brizolista, uma vez que desde sua fundação Brizola foi o único Presidente do Partido, e representando assim sua chefia, e muitas vezes a ruptura com Brizola significava a ruptura com o Partido, a exemplo posso citar alguns políticos que romperam com Brizola e se desligaram do Partido, como: Marcelo Alencar, Garotinho e César Maia.

É interessante notar que o PDT será o único partido que nascerá na década de 80 narrando um passado glorioso, enquanto os outros partidos rompiam com o passado, o PDT proclamara seu origem na década de 30 com Vargas, e terá neste sentido a incorporação de uma série de símbolos e documentos na narrativa de seu ideário político. Sendo assim o PDT define os documentos fundadores da nação: a Carta-Testamento de Vargas, a obra de Alberto Pasqualini e a Carta de Lisboa. Após a fundação do partido, Brizola tem seu primeiro teste político desde sua volta ao Brasil: as eleições de 1982, na qual concorreu ao cargo de Governador do Estado do Rio de Janeiro, que co-



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

locou em xeque os projetos e ideais criados para a “social-democracia morena”, assim denominada pela constante incorporação de elementos europeus com uma adaptação para a realidade brasileira. Com a sua vitória nas eleições, Brizola passa a governar o Estado realizando mudanças significativas nas estruturas sociais, sua vitória foi atribuída ao discurso voltado para as massas urbanas do Estado, sobretudo para a população periférica da Capital e da Baixada Fluminense, apresentando durante a campanha projetos de integração social, uma política de segurança pública que valorizava os favelados, o fim da remoção de favelas, enfim, Brizola escolheu como eleitor o banguela.

Nas eleições de 1989, embora tenha chegado a obter quase 60% dos votos nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Santa Catarina, Brizola obteve apenas 1,5% dos votos no estado de São Paulo. Se o percentual de paulistas que tivessem votado em Brizola fosse de apenas 4%, ele teria passado ao segundo turno. O PDT pediu, antes do pleito, vários tipos de verificações, auditorias e monitoramento ao TSE, que negou o pedido do partido. No fim, Brizola foi derrotado por menos de 500 mil votos, ou 0,5% do eleitorado, sem direito a recontagem.

Nas eleições para o governo do Rio Grande do Sul, o PCB (Partido Comunista do Brasil) divulgou uma declaração de apoio a Brizola. Em uma entrevista Brizola disse que não iria aceitar o apoio. Em uma entrevista logo em seguida, Luiz Carlos Prestes - então secretário-geral do PCB - foi avisado da declaração de Brizola e questionado sobre qual seria a atitude do partido no que respondeu: A opinião do senhor Brizola sobre nosso apoio é irrelevante. Nós vamos apoiar o melhor candidato, e o melhor candidato é ele.

Cronologia

1922 - nasce em Carazinho

1945 - participa da fundação do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) no Rio Grande do Sul.

1946 - é eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul.

1950 - é reeleito deputado estadual.

1951 - perde a eleição para prefeito de Porto Alegre por 1% dos votos.

1952 - assume como secretário de obras do Estado no governo Ernesto Dornelles.

1954 - é eleito deputado federal com até então a maior votação alcançada no Rio Grande do Sul

1955 - é eleito prefeito de Porto Alegre, como votação maior que a de todos os demais candidatos juntos.

1958 - é eleito governador do Rio Grande do Sul, aos 36 anos, e dá início a um projeto que construiu mais de 6000 escolas no RS durante seu mandato. As chamadas brizoletas eram de madeira, e deveriam ter sido gradualmente substituídos por prédios de alvenaria, ação nunca realizada por seus sucessores. Muitas Brizoletas estão em funcionamento até hoje.



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

1961 - lidera a Campanha da Legalidade, movimento popular de resistência contra as forças golpistas militares que tentavam impedir a posse do vice-presidente João Goulart em virtude da renúncia de Jânio Quadros.

1962 - vai para o Rio de Janeiro e é eleito deputado federal com um terço dos votos válidos.

1964 - com o golpe de 1964, Brizola tem os direitos políticos cassados e é exilado para o Uruguai.

1977 - é expulso do Uruguai, a pedido da ditadura brasileira e deportado para os Estados Unidos. Lá, mantém boas relações com Jimmy Carter.

1978 - vai para Portugal, e junto com outros exilados faz a carta de Lisboa.

1979 - volta ao Brasil com a anistia brasileira, e retorna à política. Funda, com outros trabalhistas históricos, o PDT, após perder a sigla PTB na justiça.

1982 - é eleito governador do Rio de Janeiro. Inicialmente defende a prorrogação do mandato do general João Baptista Figueiredo por mais dois anos, mas em 1984, após intensa pressão popular, passa a apoiar a campanha pelas Diretas-já.

1986 - causou polêmica ao se posicionar contra o Plano Cruzado, quando a maioria dos políticos apoiava o plano econômico. Na época foi hostilizado por seus opositores, mas quando o plano naufragou, colheu dividendos políticos por sua oposição a ele. Posteriormente, muitos políticos passaram a usar o mesmo discurso de Brizola após as eleições e o fracasso do Plano Cruzado.

1989 - candidata-se à Presidência da República, ficando em terceiro lugar (bem próximo de Luiz Inácio Lula da Silva, que passou para o segundo turno sendo então derrotado por Fernando Collor de Mello). Brizola obtém 11 166 228 votos contra 11 622 673 votos de Lula. No segundo turno, Brizola apoiou Lula contra Collor.

1990 - é eleito governador do Rio de Janeiro pela segunda vez, desta vez com cerca de 60% dos votos, dispensando a necessidade de realização de segundo turno.

1992 - Causa surpresa ao não apoiar a campanha pelo impeachment de Fernando Collor, então presidente. Brizola chegou mesmo a pendurar uma bandeira brasileira na janela conforme o apelo do presidente, enquanto a maioria da população colocava panos negros em protesto. Tal postura acabaria se confirmando como a "Waterloo" de sua vida política.

1993 - Faz campanha contra o parlamentarismo, no plebiscito que definiria o Presidencialismo como forma e regime de governo no Brasil.

1994 - é novamente derrotado em eleição para a Presidência da República, tendo recebido votação insignificante (recebeu menos votos do que o cardiologista Enéas Carneiro, do famoso bordão "Meu nome é Enéas").

1998 - é candidato a vice-presidente na chapa de Lula, mas são derrotados novamente por Fernando Henrique Cardoso, reeleito.

2000 - é candidato a prefeito do Rio de Janeiro, mas é derrotado mais uma vez, por Benedita da Silva, Luiz Paulo Conde e César Maia, este eleito em segundo turno.

2002 - lança-se candidato ao Senado. Derrotado mais uma vez, termina a disputa em sexto lugar, com 1 237 488 votos. Nas eleições para a Presidência, Brizola apóia o candidato (derrotado) Ciro Gomes.

2004 - falece no Rio de Janeiro



Câmara Municipal de Vereadores de Santa Maria

Centro Democrático Adelmo Simas Genro

Gabinete do Vereador Paulo Denardin

Falecimento

Seis dias antes de morrer, Leonel Brizola chegou à sua residência no Rio de Janeiro, vindo de sua fazenda no Uruguai, com infecção intestinal e forte gripe. Apresentava febre e vômitos e estava bastante debilitado. Apesar de acamado, continuou a receber visitas de políticos, entre os quais Anthony Garotinho e sua filha Clarissa Mateus, além de seus afilhados políticos Carlos Lupi e Jorge Roberto Silveira e de seu ex-rival Moreira Franco.

Sua situação piorou ainda mais três dias depois. Depois de muita resistência, Brizola concordou em ir a um hospital nas proximidades. Uma tomografia dos pulmões mostrou infecção respiratória (pneumonia). Feita ultra-sonografia do coração, nada de anormal foi encontrado.

Brizola estava entrando no elevador para deixar o hospital quando, segundo seu médico particular, apresentou um edema no pulmão, significando grave insuficiência cardíaca. Novos exames confirmaram infarto agudo do miocárdio. Brizola morreu às 21h20 do dia 21 de junho de 2004.

Seus funerais foram marcados por ampla cobertura das redes de televisão, com certa demora na cobertura feita pela Rede Globo, até pouco tempo antes dirigida por seu antigo desafeto, Roberto Marinho (já então falecido). O presidente Lula, ex-aliado e à época adversário, decretou luto oficial de três dias por ocasião de seu falecimento, e compareceu a seu velório no Palácio Guanabara.

Depois de ainda ter sido velado em Porto Alegre, Brizola foi sepultado em São Borja, na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, onde também se encontram os túmulos de Getúlio Vargas e João Goulart.

Vereador Paulo Denardin

Bancada do PP

